



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ
CURSO DE CIÊNCIAS SOCIAIS**

LÍDIA SEBASTIANA MAGNO DA SILVA

“MULHER VELHA TAMBÉM TRANSA”: um estudo sobre sexualidade feminina na terceira idade na universidade da maturidade da universidade federal do amapá –umap/unifap.

MACAPÁ
2018

LÍDIA SEBASTIANA MAGNO DA SILVA

“MULHER VELHA TAMBÉM TRANSA”: um estudo sobre sexualidade feminina na terceira idade na universidade da maturidade da universidade federal do amapá –umap/unifap.

Trabalho de conclusão de curso apresentada ao Colegiado de Curso de Ciências Sociais da Universidade Federal do Amapá para obtenção do Título Licenciatura e Bacharel em Ciências Sociais. Orientador: Prof. Msc. Raimundo de Lima Brito.

MACAPÁ
2018

LÍDIA SEBASTIANA MAGNO DA SILVA

“MULHER VELHA TAMBÉM TRANSA”: um estudo sobre sexualidade feminina na terceira idade na universidade da maturidade da universidade federal do amapá –umap/unifap.

Trabalho de conclusão de curso apresentada ao Colegiado de Curso de Ciências Sociais da Universidade Federal do Amapá para obtenção do Título Licenciatura e Bacharel em Ciências Sociais.

BANCA EXAMINADORA

Profº. Msc. Raimundo de Lima Brito

Profº. Dr. José Manoel de Jesus Pinto (UNIFAP)

Profº. Msc. Luciano Magnus de Araújo (UNIFAP)

MACAPÁ
2018

RESUMO:

Este estudo tem como objetivo analisar a perspectiva da sexualidade da mulher na terceira idade em um projeto de extensão capitaneado pela Universidade Federal do Amapá – UMAP/UNIFAP. A pesquisa se originou a partir do seguinte problema: como a mulher idosa enxerga e desenvolve a sua sexualidade em um mundo que a condiciona a nulificá-la? Neste trabalho utilizou-se a pesquisa bibliográfica, a consulta ao acervo literário e a estudos de autores sobre a velhice, gênero e sexualidade. A técnica de pesquisa utilizada foi a entrevista. Onde constatou-se que as mulheres idosas do programa apresentam variadas visões de sua sexualidade, desde aquelas que se sentem reprimidas pela sociedade até aquelas que assumem sua sexualidade diante de todas as barreiras impostas, assumindo uma postura de enfrentamento, de redescobertas e de ressignificação do próprio corpo e do prazer.

Palavras-Chave: Velhice. Sexualidade. Corpo. UMAP/UNIFAP.

ABSTRACT:

This study aims to analyze the perspective of the sexuality of the woman in the third age in an extension project captained by the Federal University of Amapá - UMAP / UNIFAP. The research originated from the following problem: how does the elderly woman see and develop her sexuality in a world that conditions her to nullify her? In this work the bibliographical research, the consultation to the literary collection and the studies of authors on old age, gender and sexuality were used. The research technique used was the interview. It was found that the elderly women of the program present varied visions of their sexuality, from those who feel repressed by society to those who assume their sexuality in the face of all the barriers imposed, assuming a posture of confrontation, rediscovery and resignification of the own body and pleasure.

Keywords: Old age. Sexuality. Body. UMAP / UNIFAP.

¹ Artigo apresentado como requisito final para a obtenção do título de Bacharel e Licenciada Plena em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Amapá, sob a orientação do Prof. Esp. Raimundo de Lima Brito.

INTRODUÇÃO

Na realidade brasileira, a criação de programas sociais voltados para os idosos, como as universidades para a terceira idade e os grupos de convivência entre idosos, foi uma experiência inovadora que tornou a sociedade brasileira mais sensível aos problemas desta faixa de idade e eliminou a ideia equivocada de isolamento.

O objetivo principal dos grupos de convivência é o de resgatar a dignidade dos idosos e, ao mesmo tempo, trabalhar com essas pessoas questões relativas a inserção social e a cidadania, servem como meio de informação e formação, de tratamento de valores e saberes, além de promover debates sobre sexualidade, socialização e desenvolver atividades de lazer que sejam integradoras como a dança, exercícios e práticas esportivas.

Nestes grupos ocorrem trocas de experiências e vivências com momentos de prazer, de satisfação, de aprendizado, e também da troca de novas experiências. Estes grupos, geralmente instalados em escolas, associações esportivas, clubes e universidades tem uma participação maior de mulheres do que de homens. No caso das universidades, foram criadas as chamadas Universidades da Terceira Idade ou da Maturidade, onde além das atividades supracitadas são desenvolvidas aulas no sentido formal de disciplinas ligadas aos estudos do direito, de gênero e sexualidade, das ciências sociais e da saúde pública.

De acordo com os estudos da Universidade Aberta da Terceira Idade da Universidade Estadual do Rio de Janeiro – UnATI/UERJ, são inúmeros os fatores que abordam a questão da velhice, dentre eles fatores psicológicos, sociológicos, biológicos e até religiosos. Sendo assim, na atualidade ela está construindo fóruns, simpósios e instituições de discussão sobre o tema dentro dos projetos de estudos e extensão que servem como referência para as universidades brasileiras (UnATI/UERJ, 2013). Em 2013, a Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.PUC/SP criou o ‘Portal do Envelhecimento’, um fórum eletrônico de discussão sobre o fenômeno e onde são publicadas obras acadêmicas, como artigos científicos, trabalhos de conclusão de curso, dissertações e teses acerca do tema.

No entanto, os novos debates desenvolvidos com relação à população idosa que cria esta imagem de longevidade ainda não oferecem meios efetivamente capazes de enfrentar a decadência das habilidades cognitivas e emocionais, que são fundamentais para que uma pessoa seja reconhecida como um ser autônomo com direitos e cidadania.

Para Debert:

A concepção da velhice como um conjunto de perdas foi fundamental para a legitimação de direitos sociais. Entretanto, as novas imagens do envelhecimento, na

luta contra os preconceitos, tratam de acentuar os ganhos que o avanço da idade traz (DEBERT, 2004, p.67-68).

Segundo a autora, estes ganhos tornam a idade cronológica socialmente irrelevante e sujeita a uma mudança de paradigma. Se antes a aposentadoria era sinônimo de velhice e descanso, ela é vista hoje como um período livre das obrigações e controle social a que foram submetidos pelo sistema capitalista de produção, tornando-os livres para a realização de atividades de lazer e viagens ocorrendo a dissociação de que aposentadoria significaria ser velho, pois inúmeros são os jovens que se aposentam cedo por invalidez, doenças e pensões.

O universo da pesquisa constitui-se dos alunos do UMAP - Universidade da Maturidade do Amapá, projeto de extensão criado em 2009 e com o início das atividades em 2010 na Universidade Federal do Amapá - UNIFAP, que atendeu inicialmente a um público de 80 pessoas acima dos 60 anos por ano, em cursos e atividades que são desenvolvidos em um período de 03 semestres. Atualmente, o projeto atende a uma clientela de 100 alunos por turma, com a publicação de editais de inscrição, análise documental e avaliação física para saber da condição dos participantes do processo de seleção.

Neste trabalho utilizou-se a pesquisa bibliográfica, a consulta ao acervo literário e a estudos de autores sobre a temática. A técnica de pesquisa utilizada foi à entrevista padronizada, com um roteiro previamente estabelecido, aplicado junto a 20 informantes que representam 20 do universo pesquisado, bem como dados secundários das estatísticas do UMAP. Que depois de processados e analisados sob enfoques das teorias sócios antropológicas que serão apresentadas em forma de artigo científico.

Relativo a este cenário, observa-se frequentes estudos sobre a gerontologia brasileira nas últimas décadas buscando estratégias de legitimação da velhice no curso da vida sexual como uma fase plena e ativa, mesmo diante de algumas especificidades. Os especialistas em âmbito internacional defendem a ideia da inclusão da sexualidade como um dos pilares do chamado envelhecimento ativo, tido como um dos modelos de gestão do envelhecimento mais difundidos no mundo.

Os especialistas em gerontologia e os sexólogos, defendem a ideia de se praticar o sexo até o fim da vida e que isto é uma atividade benéfica para um processo de envelhecimento bem-sucedido e com ampla melhoria da qualidade de vida das pessoas idosas. Esses argumentos entram em clara rota de colisão com uma caracterização particular dos corpos, dos prazeres sexuais e das subjetividades masculina e feminina na velhice e, conseqüentemente, o estabelecimento de novos parâmetros para pensar os significados do que é ser velho.

Este estudo tem como objetivo analisar as questões da sexualidade feminina na terceira idade a partir da percepção das mulheres presentes em um programa de inclusão social dos idosos da cidade de Macapá e de extensão universitária, o que reforça o papel social da universidade.

A partir da atividade de monitoria no projeto, fui desenvolvendo uma relação de confiança o que possibilitou o diálogo com as informantes que solicitaram o anonimato, por acreditar que a sociedade local ainda é marcada pelos valores de um sistema social que se sustenta no patriarcalismo e na cultura do consumo dos jovens, onde as pessoas que exercem a sua sexualidade são vistas como fora de foco ou ‘velhas assanhadas’. Para aquelas que não aceitam o processo de assexualidade imposto pela sociedade machista e de consumo para os jovens, fica o silêncio dos quartos e dos lugares reservados para o exercício das práticas sexuais como o espaço físico dos quartos e locais no ciberespaço próprio para estas pessoas se desnudarem para o mundo e procurarem pessoas que tenham essa mesma afinidade e as vejam como elas são.

Este trabalho foi dividido em seções. A primeira, denominada de “Algumas perspectivas sobre gênero”, abordou um breve estudo sobre as questões relativas ao gênero, os processos históricos e sociais pelos quais a discussão foi inserida nas universidades e a atualidade do debate que resulta em amplas conquistas das mulheres no campo social.

Na segunda seção, intitulada de “Gênero e sexualidade na terceira idade”, evidencia-se o debate sobre a questão de gênero e da sexualidade a partir do cenário construído para as mulheres na terceira idade e de como elas passaram a negar a nulidade imposta sobre os seus corpos e passaram a buscar processos de ressignificação de si e do corpo diante dos desafios da modernidade.

Na terceira seção, “Resultados e discussões”, foram expostos os resultados da pesquisa, com destaque para uma análise detalhada das entrevistas e, por fim, as considerações finais, onde são apresentadas análises sobre o tema pesquisado e possibilidades para a percepção do exercício da sexualidade na velhice.

1 ALGUMAS PERSPECTIVAS SOBRE GÊNERO

De acordo com os estudos de Birman (2002), os debates sobre a diferença entre os sexos no Ocidente se firmaram somente nos fins do século XVIII, pois até então a definição sexual era concebida de forma hierárquica, patriarcal e com profunda influência do ethos judaico-cristão, onde o masculino era concebido como regulador e tido como o padrão de

perfeição desde a antiguidade clássica e as mulheres relegadas a um segundo plano nas relações sociais.

Para se ter uma ideia, este discurso no Ocidente desde a vitória do cristianismo na Europa medieval se sustentava na culpabilidade da mulher pelo pecado original e isto foi entronizado de tal forma que até o exercício da sexualidade era tido como algo danoso para a pureza do ser. As práticas ligadas a este discurso passaram a definir as relações sociais e condicionavam as mulheres a aceitar a dominação masculina como se fosse algo posto por uma força superior e inquestionável, um *habitus* que legitima uma relação desigual e marcada por absurdos como a institucionalização da violência de gênero e o feminicídio (BIRMAN, 2002; SCOTT, 1989; BOURDIEU, 2002).

Para Birman a mudança de paradigma sobre a questão de gênero começa a ser trabalhada, logo após a Revolução Francesa, pois em nome da igualdade de direitos de todos os cidadãos, foi feita uma mudança de pensamento que reconhece a diferença dos sexos e quebra o modelo hierarquizado do sexo único. Este novo modelo trabalhado pelos franceses se pautava em uma leitura da realidade a partir de uma visão naturalista e essencialmente biológica, onde homens e mulheres possuem características profundamente diferentes e inconfundíveis.

Este modelo ainda tinha como pressuposto reafirmar a superioridade masculina, inaugurando diferenças que se refletem no *modus operandi* das sociedades e determinavam, a partir dos seus aspectos anatômicos e fisiológicos, as formas de relacionamento e o espaço social a ser ocupado, bem como a definição das ‘coisas de homem’ e ‘coisas de mulher’, que viram elementos condicionantes de padronização dos corpos e mentes dos séculos seguintes e, mesmo com o reconhecimento da diferença entre os sexos, colocam o homem em claro papel de dominação nos séculos seguintes.

Na visão de Néri (2002), a Revolução Francesa se colocou como um ponto de partida inicial para se trabalhar a questão do lugar social da mulher e, mesmo com a legitimação da dominação masculina na visão iluminista, ocorreram progressos, já que a justificativa para o estabelecimento da hierarquia de dominação deixou de ser metafísica e passou a ser biológica, mas com o reconhecimento da existência de um outro sexo, de uma anatomia diferente e de uma forma de estabelecer um processo de socialização diferente. Ainda de acordo com Néri, a igualdade de direitos não se transformou de forma imediata em normas sociais capazes de estar em vigor e serem internalizadas, mas serviram como elemento propulsor das lutas das mulheres pelo reconhecimento de seus direitos nos campos político e social, bem como uma visão científica melhor desenvolvida sobre a diferença entre os sexos.

Segundo Birman (2002) e Néri (2002), as mudanças sociais promovidas pela modernidade com relação à relação entre homens e mulheres se deu a partir da organização dos movimentos de mulheres e do estabelecimento de demandas de reconhecimento de direitos a partir dos séculos XIX e XX e estas discussões foram se inserindo na cultura geral de forma lenta e gradual, levando a uma mudança de pensamento e de construção conceitual importante na literatura, nas artes, nas ciências e na construção de uma legislação onde a igualdade de direitos pode ser melhor desenvolvida.

Este conjunto de mudanças ganhou maior velocidade a partir dos estudos de gênero nas universidades estabelecidos pelas mulheres desde a década de 1950 e consolidados pelas ciências sociais a partir dos anos 1970, através de pesquisas na área da Antropologia com influências de Mary Douglas e Ruth Benedict, sua relação com a história a partir do debate com Joan Scott, debates estabelecidos com a filosofia e adaptações de estudos da psicologia social escritos de Simone de Beauvoir e pesquisas de estudiosas de gênero que debatem a temática com categorias criadas por estes pensadores e a construção de debates com outras áreas da sociologia e da ciência política como o trabalho e a representação social e política. Na definição de Scott, a categoria gênero é dividida em duas partes, pois:

[...] o gênero é um elemento constitutivo das relações sociais baseado nas diferenças percebidas entre os sexos, [...] é uma forma primeira de significar as relações de poder. As mudanças na organização das relações sociais correspondem sempre à mudança nas representações de poder, mas a direção da mudança não segue necessariamente um sentido único (SCOTT, 1989, p. 21).

O autor aponta a existência de quatro elementos que, mesmo relacionados entre si, constituem as relações de sociais fundadas sobre as diferenças entre os sexos e definem o campo de estudo:

1) os símbolos culturalmente disponíveis que evocam representações geralmente contraditórias, tais como Eva e Adão; 2) os conceitos normativos de teoria religiosas, jurídicas e científicas que tomam forma de uma oposição binária que afirma categoricamente o que é masculino e o que é feminino; 3) a dimensão política para uma visão mais ampla sobre gênero, que não o considere exclusivamente ligado ao parentesco, mas também ao mercado de trabalho sexualmente segregado, às instituições educacionais socialmente masculinas e o sistema político excludente; e 4) o gênero enquanto identidade subjetiva, concluindo que o gênero é “um meio de decodificar o sentido e de compreender as relações complexas entre diversas formas de interação humana” (SCOTT, 1989, p. 23).

No cenário brasileiro, o conceito de gênero ganhou ampla visibilidade no meio acadêmico a partir dos anos de 1980 com a fundação de grupos de estudos feministas ou de gênero nas universidades federais, com destaque inicial para os estados da Bahia, Rio de

Janeiro e Rio Grande do Sul. Além disso, os resultados dos estudos de gênero passaram a se constituir como considerável referencial para a construção e visualização dos debates nos movimentos sociais, nas organizações não-governamentais e na militância político-partidária que passaram a constituir espaços para discutir as questões femininas e construir um importante espaço na viabilização de políticas públicas com vistas a promover iniciativas com o intuito de estabelecer a igualdade de gênero e os direitos sexuais das chamadas minorias.

Neste sentido, os estudos de gênero em suas variadas vertentes desempenham um papel fundamental nesta mudança de paradigma, se falando no caso brasileiro, pois os resultados das pesquisas sobre a situação da mulher na sociedade trazem para a cena sociológica temas tidos como menores ou ligados a um microcosmo social como família, infância, maternidade, paternidade, sexualidade, dentre outros, uma vez que estas eram relegadas a um caráter secundário e ganharam força no debate para a construção de políticas públicas a partir de suas pesquisas e resultados.

Esta visibilidade nos dias de hoje se manifesta pela ampliação dos grupos de pesquisas e estudos sobre gênero nas universidades brasileiras que debatem vários campos do conhecimento e diversas matizes teóricas são postas ao debate e ao embate com a questão da mulher na contemporaneidade. Além disso, as temáticas feministas se expressam também na expansiva formulação de políticas públicas e no estabelecimento de linhas de financiamento específicas, com o apoio de agências nacionais e internacionais de fomento à pesquisa.

A inclusão das temáticas feministas a partir de grupos de trabalho nos eventos de pesquisa ligados às ciências humanas e sociais em geral apontam para o reconhecimento da comunidade acadêmica da emergência destas questões, pois as desigualdades ou subalternidades passaram a ser compreendidas a partir de suas conexões com os conceitos de classe social, religião, raça-etnia, nacionalidade, geração, trabalho, política, sexualidade, relações sociais e outras formas de debate possíveis.

Neste sentido, torna-se importante perceber a produtividade do conceito de gênero como ferramenta teórica fundamental para desconstruir as certezas alicerçadas nas diferenças biológicas que serviram por muito tempo para se estabelecer a desigualdade entre homens e mulheres, bem como as formas de se trabalhar as relações entre o corpo e a sociedade.

Os estudos de gênero apontam a necessidade de se pensar que existem formas variadas de se viver a masculinidade e a feminilidade a partir de suas construções sociais e culturais, onde o direito de exercer a liberdade sobre o corpo tornou-se um novo paradigma a ser debatido na chamada pós-modernidade, já que com base nestes estudos são produzidas novas possibilidades de conhecimento e visões de mundo que explicam as transformações da

realidade (LOURO, 2001; 2004), estabelecendo um ponto de enfrentamento com práticas sociais e culturais que procuram definir papéis sociais em seus mais variados discursos e limitam em muitos casos as possibilidades de se viver as experiências do corpo e da liberdade da pessoa ser quem ela deseja ser.

Esta experiência também se estende para os estudos sobre o exercício da sexualidade na velhice principalmente com relação às mulheres, onde o debate sobre o uso do corpo, o prazer e das próprias relações sexuais são postas na ordem do dia, já que enquanto para algumas a chamada terceira idade significa a perda de libido e da atratividade com relação ao envelhecimento do corpo, para outras é a construção de um processo de ressignificação sexual e de redescoberta no próprio corpo, para além do que alguns padrões sociais são impostos.

2 GÊNERO E SEXUALIDADE NA TERCEIRA IDADE

De acordo com a visão de Debert (2004) e Córdoba (2013), o ato de envelhecer é um processo contínuo que ocorre durante toda a vida. Trazer uma conceituação que sintetize este fenômeno é algo complexo, pois o ato em si traz limitações para o corpo, como a redução da sensibilidade e a degeneração celular, promovendo uma nova abordagem sobre o próprio corpo e como este se sente com o passar dos anos, pois com os avanços do tempo sobre o corpo, o cansaço fisiológico inevitavelmente chega e para muitos, isso é assustador, já que nesta etapa da vida o ser humano se encontra com o desconhecido e a proximidade do fim produz reações diferenciadas nos indivíduos, desde a aceitação do fim até a busca de elementos que prolonguem a qualidade de vida nos anos finais da vida². Neste sentido, a temática dos estudos sobre o envelhecimento se tornou alvo de estudos não somente da área da saúde, mas também das ciências sociais, principalmente da sociologia e da antropologia.

Os estudos sociológicos sobre o envelhecimento enfocam um campo de perspectivas teóricas denominadas como ‘teorias sociológicas do envelhecimento’. Na visão de Hendricks e Achenbaun (1999, apud Freitas, 2002, p. 47), esse conjunto de teorias começaram a ser

² Em um belo ensaio filosófico sobre o fim da vida, intitulado “Sobre o tempo”, Norbert Elias (1998) fala sobre a percepção das mudanças sociais presentes na visão das pessoas com idade avançada e de como estas se percebem como seres sociais que apresentam nos corpos e mentes as marcas dos tempos idos. Para ele, as experiências vividas por estas pessoas – já que ele mesmo escreveu no fim de sua vida – promovem processos de ressignificação com o mundo e servem como formas de buscar um sentido para o ato vivido. Este fato é lembrado por Debert (2004) ao falar sobre a sexualidade das mulheres na velhice, pois elas são as que mais sofrem os impactos do domínio da ‘cultura do corpo’, onde o padrão posto pela indústria da moda e da beleza prega o domínio dos corpos jovens e viris e relega aos velhos uma posição de assexualidade após a menopausa e a andropausa. A luta de homens e mulheres neste momento da vida para o exercício da sexualidade consiste em superar os padrões postos pela pós-modernidade e mostrar que a prática sexual garante melhor qualidade de vida e até um sentimento de inclusão social, onde as pessoas se sentem integradas a sociedade.

sistematizadas na década de 60 e vem atravessando os estudos sobre a questão da pessoa idosa em sociedade. Freitas (2002) aponta, de acordo com o trabalho de Bengston, Burgess e Panot, que essas teorias foram classificadas por três gerações, onde se permite conhecer suas origens intelectuais, seu campo de inserção histórico-social e a contribuição de teorias anteriores para a formulação de novas explicações.

A primeira geração, que produz estudos entre 1949 e 1969 com influências da Escola de Chicago a partir dos estudos de Louis Wirth e Robert Park, tem como principal unidade de análise o papel do indivíduo. Ela enfocava fatores como papéis sociais e normas para explicar como ocorria o ajustamento ao declínio decorrente do envelhecimento. Seu conjunto de teorias englobam as análises do desengajamento, da atividade, da modernização e da subcultura.

Segundo Freitas (2002) e Debert (2004), a teoria do desengajamento ou afastamento social foi desenvolvida por Cumming e Henry em 1961, com base metodológica assentada nos estudos de Park sobre a cidade de Chicago. Para a viabilização desta teoria, eles realizaram uma pesquisa realizada com 275 moradores de Kansas City, como forma de tentar explicar o processo de envelhecimento e as mudanças ocorridas entre o indivíduo e a sociedade. Em síntese, ela aponta que o envelhecimento é um processo de afastamento universal e inevitável tanto para o idoso quanto para a sociedade, já que “[...] a sociedade se afasta das pessoas idosas na mesma proporção em que essas pessoas se afastam da sociedade [...]” (FREITAS, 2002, p. 49).

Na esteira do debate com o antropólogo Louis Wirth, a teoria da atividade foi formulada por Havighurst em 1968. Com base em estudos desenvolvidos em ambientes economicamente desenvolvidos dos EUA, ele afirma que a pessoa idosa deve substituir os papéis sociais perdidos por novos papéis e que o bem-estar na velhice seria o resultado desses novos papéis sociais. Essa teoria relata que ao envelhecer o indivíduo se defronta com mudanças físicas, psicológicas e sociais típicas dessa fase da vida, porém suas necessidades continuam as mesmas de antes.

Para a teoria da atividade, a pessoa que envelhece em boas condições é a que permanece ativa conseguindo resistir ao desengajamento social que ocorre nesta etapa da vida. Ela influencia até os dias atuais os movimentos sociais de idosos nas áreas de lazer e da educação não-formal e fornece sustentação para a elaboração de políticas públicas voltadas para essa faixa da população (FREITAS, 2002; DEBERT, 2004).

A teoria da modernização desenvolvida por Cowgill e Holmes em 1972 faz um debate profundo com a teoria da atividade, ao relacionar a modernização com as mudanças nos

papéis sociais e o status do indivíduo que envelhece. Para os autores, o status social do idoso está ligado ao grau de industrialização da sociedade e nas mais industrializadas ocorre a perda de status em contraponto ao cenário em sociedades pouco ou não industrializadas, fazendo um paralelo com as teorias durkheimianas de solidariedade social. Na visão deles, para o idoso a perda de status significa a perda dos papéis de liderança e de influência dele em sua comunidade, o que se aproxima dos postulados de Durkheim com relação aos níveis de domínio em sociedades pautadas pela solidariedade orgânica, onde as funções do indivíduo determinam a sua vida em sociedade, em contraponto com a solidariedade mecânica, na qual o idoso ganha posição de status superior em função de sua experiência de vida (FREITAS, 2002; DEBERT, 2004).

A teoria da subcultura foi desenvolvida nos Estados Unidos na década de 1960, com base nas teorias de Herbert Marcuse da chamada contracultura. Para ela as pessoas ao envelhecerem desenvolvem uma cultura própria, refletida em crenças e interesses comuns dessa faixa etária. Essa teoria ajuda a elucidar a relação entre os idosos e a sociedade, contribuindo assim para corrigir a imagem estática e passiva do envelhecimento. Ela é utilizada como parâmetro para avaliar o impacto dos programas sociais para idosos e a sua contribuição para a inclusão social do idoso (FREITAS, 2002; DEBERT, 2004).

A segunda geração de estudos sobre o tema, compreendida entre 1970 e 1985, estabelecendo um amplo debate entre os campos da sociologia, antropologia, história, psicologia social, economia, filosofia e das políticas sociais. Essa geração destaca que as maneiras como as pessoas envelhecem é fruto da organização da sociedade, de sua política e da localização do indivíduo na hierarquia social, analisando as perspectivas teóricas da continuidade, do colapso de competência, da troca, da estratificação por idade e a teoria político-econômica do envelhecimento, sendo que estas três últimas teorias também pertencem à terceira geração ou funcionam como elementos de transição para a mesma (FREITAS, 2002; DEBERT, 2004).

De acordo com Debert (2004), a teoria da continuidade enfoca como a pessoa de meia-idade e idosa tenta conservar as estruturas psicológicas internas e externas preexistentes. Segundo ela, os processos de continuidade interna abrangem a memória e a continuidade externa é conservada por pressões e atrações que dinamizam a vida do idoso em sociedade.

Em 1973, Kuypers e Bengston desenvolveram a teoria do colapso de competência. Esta percepção teórica, de matiz psicossocial, analisa as consequências negativas que podem acompanhar as crises que ocorrem com a pessoa idosa, uma vez que “[...] essas crises podem ser desencadeadas por perda da saúde, perda do (a) companheiro (a) e por outras perdas que

desafiam a competência social do idoso e podem levar a uma espiral de resultados negativos [...]” (FREITAS, 2002, p. 51).

Com base em uma perspectiva socioeconômica, a teoria da troca afirma que o idoso é compelido a afastar-se das interações sociais porque possui poucos recursos ao se comparado com os mais jovens e, ao mesmo tempo, cria uma perspectiva na qual o mercado se direciona para uma visão extremamente ligada à juventude. Essa teoria acrescenta uma nova dimensão para o estudo do envelhecimento. Ela introduz uma análise das interações sociais entre idosos e outros grupos etários. Uma vantagem dessa teoria é a sua formalização, permitindo assim à avaliação de propostas políticas públicas para os idosos (FREITAS, 2002; DEBERT, 2004).

Com suas raízes teóricas baseadas na estrutura funcional e nas teorias psicológicas do desenvolvimento, a teoria da estratificação por idade desenvolvida por Riley, Johnson e Foner em 1972 foi fundamental para os estudos da gerontologia social, por se caracterizar em construir uma análise metodológica do estudo do movimento das coortes de idade através do tempo, fazer a assincronia entre as mudanças estruturais e individuais através do tempo e realizar o estudo da interdependência entre as coortes de idade e as estruturas sociais existentes, criando uma nova dimensão no campo do estudo (FREITAS, 2002).

A teoria político-econômica do envelhecimento foi desenvolvida por diversos autores, especialmente Walker em 1981 e Minkler em 1984. Essa teoria propõe que as variações no tratamento e no status de idosos podem ser analisadas através do exame das políticas públicas econômicas e de fatores socioestruturais como a qualidade de vida, o contingente populacional e nos níveis de interação e desenvolvimento das cidades (DEBERT, 2004).

A terceira geração engloba teorias que enfocam os aspectos estruturais do envelhecimento, como as restrições sociais e a distribuição desigual da economia de que é objeto. A terceira geração é composta de quatro teorias assentadas em debates sociológicos, antropológicos e filosóficos que são: o construtivismo social, a perspectiva do curso de vida, a teoria feminista do envelhecimento e a teoria crítica.

Com base em uma análise microssocial apoiada no interacionismo simbólico de Margaret Mead (1934), na fenomenologia do cotidiano de Berger e Lückmann (1966) e na etnometodologia de Garfinkel (1967), a teoria do construtivismo social, promove um debate sobre as possibilidades do envelhecimento em um campo mais intimista e próximo das noções de relações sociais em comunidade. Os principais conceitos dessa teoria incluem questões do significado social, da realidade social e das relações sociais com o envelhecimento, das atitudes diante da idade e o processo de envelhecer.

Com o processo de envelhecimento, o corpo sofre inúmeras transformações e modificações que o diferenciam e o afastam do padrão jovem, surgindo assim, um jogo de contrastes sociais. Surgem aliados às transformações históricas ocorridas com o processo de modernização que provocam mudanças sobre a vida, suas etapas, seus estágios, e no curso de vida.

A institucionalização do curso de vida significou a constituição de projetos de vida, onde os indivíduos planejam suas ações individual e coletivamente, implicando em um conjunto de mudanças em que a heterogeneidade ganhou destaque. Ocorre a quebra de ligações entre vida pessoal e a troca de saberes entre gerações em que as pessoas são englobadas segundo as vivências compartilhadas em um determinado período da vida independentemente da idade, fazendo com que o curso da vida se transforme em um espaço para troca de experiências abertas e não de passagens de uma etapa da vida para outra.

Para a Organização Mundial da Saúde – OMS, a pessoa idosa é definida como o indivíduo maior de 65 anos nos países desenvolvidos e maiores de 60 anos nos países em desenvolvimento e pobres, dado este relacionado com as médias de expectativa de vida presentes nestes lugares. Neste último caso, o Brasil se encontra inserido, pois apesar do crescimento da média de expectativa de vida no início do século XXI, sua dimensão territorial e nível de desenvolvimento desigual confere períodos diferentes de expectativas de vida, fator este reconhecido no Estatuto do Idoso – Lei nº 10.741, de 1º de outubro de 2003 – que reconhece juntamente com o Ministério da Saúde – MS que por idoso se compreende a pessoa com idade igual ou superior a 60 anos e estabelece um cenário de políticas públicas a serem desenvolvidas para este setor da população que se encontra em crescimento.

O conceito de envelhecimento vem assumindo novas conotações com o passar dos tempos. Desde a ideia de um ancião respeitável e herdeiro da uma visão patriarcal passando pelo velho que caracteriza tudo o que está gasto e degradado pelo tempo até o idoso e seu significado de plenitude e vivência destinado às camadas mais ricas da população até a chamada terceira idade que, baseada numa discussão envolta pelo desenvolvimento das forças produtivas que a considera como uma idade onde se estabelece a aposentadoria, dando uma ideia de vivência no ócio, na inutilidade e na inatividade, enfim, um conjunto de ideias que acabam sendo posta para se construir uma imagem que acaba por se figurar em um estigma: o de uma pessoa que destinou os melhores anos de sua vida ao desenvolvimento do sistema capitalista e que no fim fica relegado a um ser que contribuiu para a sociedade e acaba por se tornar um problema para o estado e seu sistema de previdência social.

Com base no aumento da expectativa de vida nas últimas décadas, se construiu um processo de adiamento da ideia de envelhecimento para a adoção de uma possível ‘quarta idade’, onde se colocam os octogenários em diante e associam a tradicional imagem de decadência e perda das capacidades físicas e psicossociais a eles e aos ‘jovens idosos’ coloca-se a ideia de uma nova possibilidade de ter uma etapa viável da vida, com produtividade um ar de conservação para estes senhores e senhoras ‘bem conservados’ e que vivem a ‘meia-idade’ com medo dela se tornar ‘inteira’.

A ideia de envelhecer, diante da internalização dos preconceitos construídos pelo discurso dos corpos jovens e saudáveis é excluída da própria identidade, como se as pessoas nunca fossem chegar a uma idade avançada. Simone de Beauvoir (1990) nos advertiu sobre esta situação com a máxima: velhos são os outros. Adia-se a ideia do envelhecimento e se constrói a ideia de maturidade como forma de postergar o inevitável: todos poderão envelhecer e os processos de degradação física atingirá de alguma forma.

Essa ideia de adiamento da velhice foi estimulada pela própria ciência ao criar padrões para o desenvolvimento humano em estágios onde a vida seguiria em evolução crescente até o seu ápice na idade adulta e coloca o seu declínio e decadência na velhice. O que a modernidade vem fazendo com relação a este conceito é construir uma ressignificação da velhice em uma nova padronização cultural, onde este segmento possui uma ideia de estilo de vida e, inclusive, um mercado consumidor próprio, com nichos voltados para a satisfação de homens e mulheres, bem como a consolidação de novos papéis sociais para estas pessoas.

Na contemporaneidade, a pessoa idosa passa a ser vista como capaz de todos os direitos e deveres na ordem civil, se colocando como um cidadão atuante nos âmbitos da política, cultura e educação. Para tanto, a pessoa idosa deve exercer plenamente sua autonomia e liberdade que lhe é inerente, não podendo ser visto apenas como uma pessoa que foi lançada às margens da sociedade, com o único direito de esperar a morte iminente (VALENTE, 2008).

Dumont (apud Valente, 2008) aponta que:

Neste contexto, o indivíduo moderno passa a ser visto como um sujeito político, livre, autônomo, portador de direitos de cidadania e passa a ter-se em conta a sua constituição subjetiva, marcada por múltiplos dispositivos disciplinares que tornam a experiência de gênero e da sexualidade centrais para a constituição das identidades.

No momento atual, o crescente acesso dos idosos aos bens de consumo, acaba por determinar uma tendência de mudança no comportamento social e sexual das pessoas da terceira idade. Prova deste momento é o consumo de medicamentos que combatem a

disfunção erétil masculina e tratamentos de reposição hormonal para pessoas que passaram pelos processos de menopausa e andropausa, pois segundo Valente (2008) a sociedade ocidental do final do século XX passa a refletir sobre a chamada construção da pessoa moderna, a sexualidade se insere, não apenas dos jovens, mas, também dos idosos, haja vista que, esta questão se relaciona com a intimidade, a vida privada e a sexualidade.

A questão da sexualidade é vista pela OMS como:

[...] uma energia que nos motiva a procurar amor, contato, ternura, intimidade; que se integra no modo como nos sentimos, movemos, tocamos e somos tocados; é ser-se sensual e ao mesmo tempo sexual; ela influencia pensamentos, sentimentos, ações e interações e, por isso, influencia também a nossa saúde física e mental (OMS apud PEREIRA, 2001, p. 13).

A questão da sexualidade na vida da pessoa idosa é considerada por muitos como um tabu, onde segundo as pesquisas de Almeida e Lourenço (2007), alguns extremistas consideram esta prática como inadequada para ser debatida em virtude de ser algo inerente a juventude e a vida plena de acordo com esta concepção. Ainda segundo estes autores, este é um assunto que deve ser trabalhado, vivenciado e debatido pelas pessoas idosas, de forma a superar a visão cheia de sentimentos contraditórios e alguns preconceitos que colocam a questão do sexo como tabu para este grupo social.

Almeida et al. (2007) apontam que existe uma crença equivocada, a qual afirma que a velhice é uma etapa assexuada da vida humana. Pensamento este que afeta profundamente a autoestima, autoconfiança, rendimento físico e social dos adultos mais velhos, além de contradizer a normalidade das sensações e a capacidade de amar do ser humano. Estes autores trabalham com a ideia de que desta temática, resulta uma visão restrita em relação à sexualidade e à velhice. Contudo, esta visão atinge toda a sociedade que frequentemente classifica essa etapa da vida como um período de assexualidade, e em alguns momentos até de androginia.

Para os autores, esta visão social entende, reforça e reproduz de forma massiva a ideia de que somente aos jovens é dada a condição de amar e manifestar a sua sexualidade com intensidade e virilidade, deixando para a pessoa idosa somente a visão do amor platônico, a anulação do seu prazer corporal e um processo de abstinência sexual. Moraes et al. (2011) apontam que a sexualidade não consiste apenas no ato sexual em si, mas também em processos de descobertas e ressignificados sobre o próprio corpo e, no caso da pessoa idosa, estes processos servem para fortalecer a união de um casal ou para que as pessoas se mantenham ativas sexualmente. Estes processos podem ser desenvolvidos a partir dos já

citados tratamentos de saúde, mas também a partir de atividades físicas e psíquicas que condicionem o corpo, produzam prazer e possibilitem uma forma diferenciada de erotismo.

Em relação às mulheres os fatores biológicos como a queda da produção de progesterona e a chegada da menopausa, se veem com a sexualidade apagada ou de forma assexuada.

Na visão de instituições de pesquisa como o Portal do Envelhecimento da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP, este fator deve ser modificado, pois os fatores biológicos que a cercam não devem ‘matar’ a mulher sexualmente e nem se colocar como um empecilho, já que ela pode e deve exercer o direito de sentir-se desejada e muito menos a sua sensação orgástica não se faça presente.

Para as mulheres, a sexualidade na terceira idade surge ligada a diversos fatores sociais como a sua criação e a sua relação com a família e os amigos, tomando como referências fatores morais como uma educação rígida, os quais ensinaram que os seus únicos papéis era o de ser esposa e mãe, sendo tratadas com profunda discriminação, pois quando assumem a sua sexualidade muitas vezes são rejeitadas pela sociedade. Isso se deve a fatores culturais ligados a uma cultura assentada no patriarcalismo e no machismo, pois a sociedade encara como natural um homem idoso se relacionar com uma mulher mais nova e ter uma vida sexual, ao passo que olha com preconceito uma mulher que assume uma relação hetero ou homossexual depois de ter ‘cumprido’ o seu papel social.

Outro fator que afeta de forma significativa a mulher vem ainda de uma pressão padronizada pela sociedade de consumo, uma vez que a mesma pessoa que ao longo dos tempos mudou sua imagem, passando a trabalhar e ocupar cargos que antes só cabiam aos homens, que liderou movimentos de emancipação feminina e influenciou nas mudanças de valores sociais é a que, hoje, na velhice, é incentivada a fazer reposição hormonal, com a justificativa de retardar o envelhecimento e manter a disposição juvenil, de forma a se sentir atraente e exercer a sua sexualidade de forma plena nestes tempos de modernidade e predomínio do consumo, onde “[...] ser humano mulher, valorizada pela feminilidade esculpida no corpo que, no padrão jovem e belo, rigorosamente estabelecido e sobejamente difundido, encarna a produção, o consumo, a reprodução e o furor da prática sexual” (NERI, 2001, p. 125) e condiciona a mulher a seguir as regras impostas pela sociedade do consumo.

Para Tucherman (2008), embora a modernidade e o pensamento social tenham avançado bastante em várias áreas, ainda existem questões delicadas que dão vazão a preconceitos e posicionamentos retrógrados, os quais carecem de serem analisados à luz da ciência, dentre estes assuntos encontra-se a sexualidade na terceira idade, esta questão ainda

acarreta preconceitos que têm consequências e afetam a vida daqueles que estão em idade avançada, pois a chamada moral social, que por muito tempo relegou ao indivíduo da terceira idade, uma existência desestimulante, os preconceitos e posicionamentos anteriormente impostos por esta sociedade estão chegando a um ponto de confluência ou até de conflagração, haja vista que, a figura do idoso atual busca esta libertação, e se a sociedade lhe tentar reprimir, não vai ceder, pois está confiante e tem provas facilmente a seu favor que o faz acreditar que ele pode estar onde realmente quer.

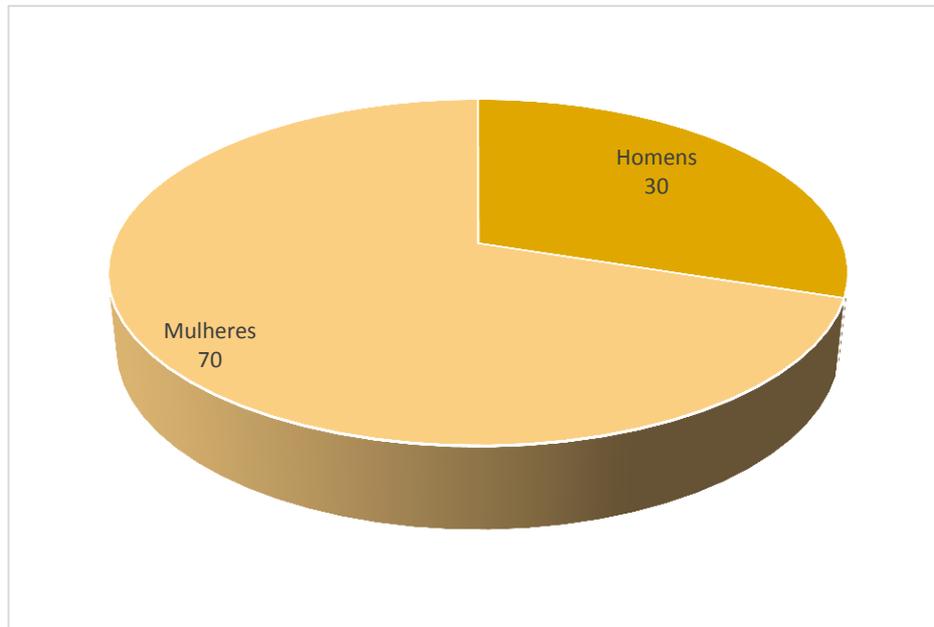
Para Almeida et al. (2007), a sexualidade humana não é apenas um fenômeno físico/biológico, antes tem uma conotação emocional e sentimental, que estrutura toda a forma de socialização humana. Para os autores, os conceitos de família, casamento, vida a dois, etc. estão estreitamente ligados ao conceito de sexualidade. Não obstante, a forma de trajar, andar, enfim, a identidade de gênero do indivíduo também se estabelece, a partir de sua identidade sexual. Segundo dados da PUC-SP (2013), o grande problema decorrente da ignorância social acerca do fenômeno do envelhecimento, aliado as mudanças fisiológicas, acaba por afetar profundamente a sexualidade, e a afetividade dos indivíduos maiores de 60 anos.

Souza et al. (2011), indica que a falta de oportunidades, bem como o ambiente em que se insere o idoso, muitas vezes acaba por desestimulá-lo da prática sexual. Esta realidade aliada ao conjunto de mitos, dos quais se pode destacar a falsa afirmativa de que as pessoas idosas são tão frágeis fisicamente e que, o sexo, poderia prejudicar sua saúde, acaba por estabelecer barreiras ao exercício saudável da vida sexual na velhice.

Para estes autores, as crenças e mitos sobre a sexualidade na velhice condicionam negativamente as possibilidades da pessoa idosa viver adequadamente e livremente sua sexualidade e para as mulheres em especial, a conquista da liberdade feminina é um fato irreversível que redefine o processo de envelhecimento. Os programas para a terceira idade criam espaços em que essas experiências de autonomia e liberdade, possam ser vividas coletivamente e que determinem novas formas delas conhecerem seus corpos e produzir processos de ressignificação pautadas em novas possibilidades de exercer sua sexualidade.

3 RESULTADO DA PESQUISA

Dos 200 alunos matriculados no período 2015-2016, 140 são do sexo feminino, ou seja, perfaz um total de 70% dos frequentadores do projeto. Conforme dados do gráfico abaixo:

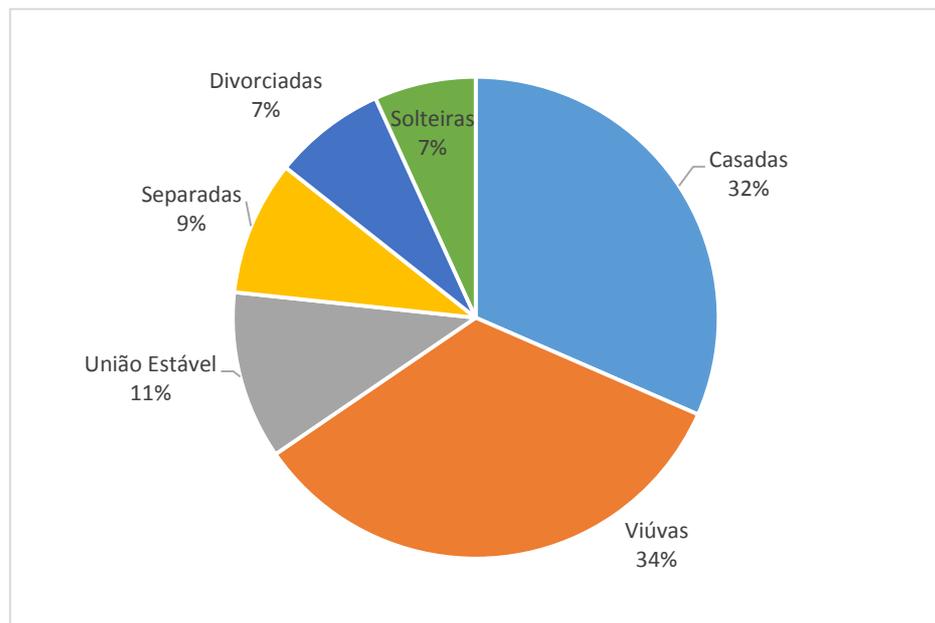
GRÁFICO 01 – PÚBLICO ATENDIDO PELA UMAP/UNIFAP – TURMAS 2016/2017

Fonte: UMAP/UNIFAP - 2017

Com relação aos dados do gráfico acima, na perspectiva masculina acima dos 60 anos que não consideram este tipo de programa como um instrumento de socialização por acreditar em situações como: ‘esse tipo de projeto aponta a minha inutilidade diante da sociedade e gosto de trabalhar’; ‘essas coisas são para pessoas que não se sentem atraentes para a sociedade’; ‘ainda tenho vida sexual plena e não preciso dessas atividades’. Fato que concorre para a maior representatividade feminina nesse tipo de projeto.

Quanto ao estado civil das mulheres foi detectado que 34% delas são viúvas, 32% são casadas, 11% vivem em união estável, 9% são separadas, 7% são divorciadas e 7% são solteiras, de acordo com os dados apresentados no Gráfico 02 abaixo:

GRÁFICO 02 – ESTADO CIVIL DAS ALUNAS DA UMAP/UNIFA



Fonte: UMAP/UNIFAP – 2017.

Com relação aos dados do gráfico acima, constata-se que existe uma distribuição interessante de mulheres de acordo com o seu estado civil. Conforme depoimento:

Me casei muito nova, com o meu marido bem novinho também. Como nos casamos na igreja e frequentamos ela todos os domingos (são evangélicos), eu vejo o casamento como algo sagrado, já que a união foi abençoada por Deus e o homem não pode separar. Apesar de o meu marido não gostar de vir aqui, ele me incentiva por causa dos meus problemas de saúde e pra eu sair um pouco de casa, né? Já ele, depois que se aposentou, vai na igreja e fica vendo esportes na tv. É o que ele gosta né? Informante 03 – Casada há 50 anos, 70 anos.

Na atualidade a sociedade em geral, ainda vê a sexualidade em casais de 50 anos de convivência é influenciado pela religião, limitando a suas atividades a uma vida caseira. Pesando sobre a vida sexual.

Fiquei casada por 30 anos e fiquei viúva mais ou menos nova, mas optei por não me envolver em mais nenhum relacionamento por achar que estaria desrespeitando a memória do amor da minha vida. Além disso, transferi todo o meu amor para os meus filhos e depois para os netos. Este tipo de projeto me ajuda a ver que existem coisas tão importantes quanto a família, como as demais pessoas que tem experiências parecidas com a minha. Informante 01 – Viúva há 15 anos, 66 anos.

O pensamento sobre a sexualidade de quem atinge a terceira, em geral é o conformismo e rejeição. Visto ser evidente a perda da libido e a diminuição da atividade sexual. Porém isso serve de alerta para a sociedade como todo. Ensinar o idoso levar a velhice com qualidade.

Fui casada por 20 anos, depois que me formei e ele também. Infelizmente, depois de um tempo, o casamento vira uma grande amizade e não tem mais atração para ambos. Cada um de nós se envolveu em outros relacionamentos paralelos ao casamento e, depois de pesar muito, decidimos nos separar para não perder a amizade enorme que temos um pelo outro. Ele se casou novamente e eu não quis.

Não foi por amor a ele. Simplesmente não quis me envolver em outro relacionamento mais sério e fiquei muito feliz assim. Tive meus namoradinhos até quase os 60 anos e dispensei uma pessoa que se propunha a ter algo mais sério comigo neste período, não querendo me envolver com mais ninguém. (Informante 05 – Separada há 20 anos, 68 anos).

Envelhecer é um processo normal, apesar das alterações na sexualidade do idoso o que inclui uma diminuição do interesse por atividade sexual. Porém não significa uma cessação completa do interesse.

Nunca quis me casar. Nunca quis ter um homem em definitivo em casa por ver os problemas que minha mãe passou para sustentar um casamento infeliz e como minhas irmãs viviam reclamando sobre os seus maridos. Não vou dizer que não tive relacionamentos, porque os tive e foram bons, mas quando chegava a hora da pergunta ‘quer casar comigo?’ eu fugia logo. Priorizei cuidar dos meus pais e fazer carreira. Não me arrependo por isso. (Informante 08 – Solteira, 72 anos).

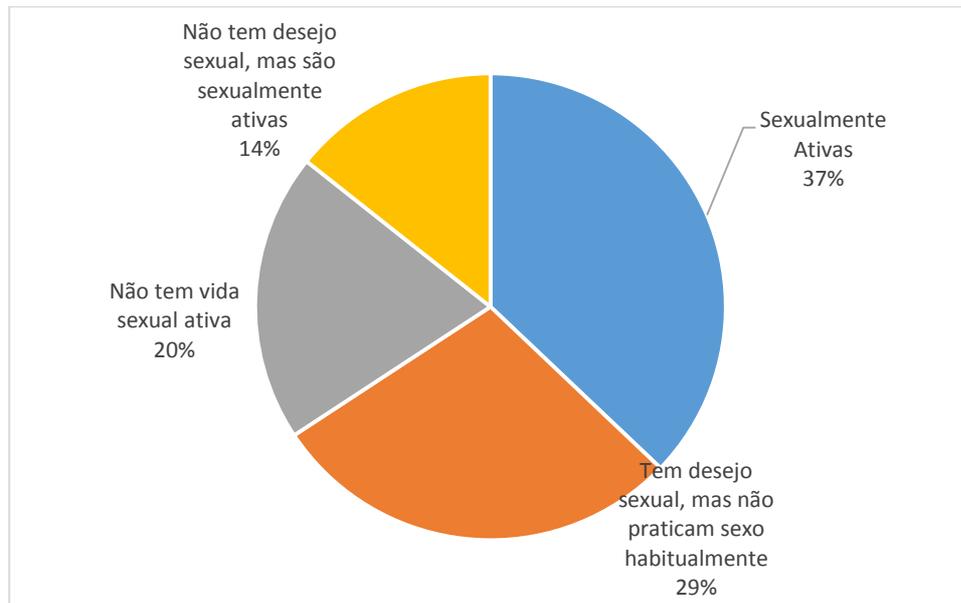
Sou casada há 40 anos e meu marido é muito carinhoso comigo e me protege também das preocupações da vida. Ele me incentivou a estudar e trabalhar, fazendo com isso que tenhamos uma vida estável e que pudéssemos dar uma vida boa para os nossos pais e nossos filhos. Pra gente ter um padrão de vida bom, ele faz academia e eu venho para o projeto. Quando chega de noite, ele me pergunta como foi no projeto e eu pergunto se ele paquerou muito na academia (risos). Ele acha engraçado eu ter ciúme e a gente se olha como quando a gente namorava. Claro que não é a mesma coisa de antes, mas me sinto bem com ele. (Informante 09 – Casada há 40 anos, 66 anos).

Diversos estudos comprovaram que a sexualidade não termina na terceira idade. É claro, que ocorro à diminuição na atividade sexual, o que por outro lado existam outras formas de aumentar as relações sexuais conjugais.

Com base nos relatos das informantes, percebemos que algumas apresentam cargas de valores simbólicos de outros momentos históricos, onde as mulheres lutavam por seus espaços, mas ainda eram submetidas a um processo de formação familiar e educacional de influência patriarcal, onde o casamento era tido como algo indissolúvel e, mesmo com problemas na relação, alguns casamentos foram se mantendo e outros, a partir de uma postura reativa das mulheres, foram desfeitos e elas partiram para outras prioridades nas suas vidas como a carreira e trabalhar novas percepções de família. Em alguns dos casos, pôde-se perceber que alguns casamentos e separações se mantêm como profunda relação de amizade e companheirismo, onde os casais avançam para um outro nível da relação no qual a prática sexual se torna um detalhe e a presença constante e o respeito mútuo se fazem mais presentes.

Com relação à atividade sexualidade das mulheres da UMAP ,37 % delas se declaram como sexualmente ativas, 29% tem desejo sexual mas não o pratica habitualmente, 20 % não tem vida sexual ativa e 14% não tem desejo sexual e são sexualmente ativas. Esta informação está presente no gráfico 03 abaixo:

GRÁFICO 03 - ATIVIDADE SEXUAL DAS MULHERES DA UMAP



As mulheres sexualmente ativas (37%) apontam que mesmo depois da menopausa possuem vida sexual ativa e que todo um conjunto de sensações corporais lhe proporcionam prazer, já que muitas fazem tratamento de reposição hormonal e criam novas formas de percepção do corpo. Os motivos decorrentes explanados pelas entrevistadas no concernente as relações sexuais elucidaram: desejo do parceiro; obrigação conjugal; costume do ato; desejo próprio e de ambos.

Algumas das informantes falaram sobre esta questão da vida sexualmente ativa:

Olha minha filha, eu sou casada há 35 anos e ainda fazemos sexo. Claro que não é como quando a gente era jovem que queria transar toda semana, mas ele tá com o coração bom e eu também e quando estamos afim, vamos lá e fazemos. Mulher velha também transa, e transa bem minha filha (risos) (Informante 02 – Casada há 35 anos, 61 anos).

Eu ainda tenho vida sexual ativa, pois tenho um rapaz alguns anos mais novo do que eu e acho estranho que ele procure muito essa velha (risos). A gente vive um namoro de 20 anos e quando a gente começou eu já era velha. Nunca nos casamos ou fizemos nenhum plano a respeito disso. Apenas vamos lá e namoramos. Depois cada um vai para a sua casa e fico feliz de ter um sexo bom, com um cara que eu gosto e que respeita a minha privacidade. Sou feliz assim (Informante 04 – Solteira, 68 anos).

Na visão de Debert (2004), a sexualidade na vida humana vai para além da simples procriação e perpetuação da espécie. Ela apresenta uma razão muito maior que isso, por nos dar a sensação de estarmos vivos. O prazer é a força motriz que alavanca o eu para o viver, ele que dá a alegria nas coisas. Sendo assim, não se pode negar a uma pessoa esta maravilhosa sensação de vida.

Com a mudança da consciência coletiva em relação à sexualidade da pessoa idosa, bem como, a nova perspectiva do indivíduo desta faixa etária diante do fenômeno, surge um processo dialético que proporciona uma mudança de paradigmas, os quais merecem uma abordagem acadêmica ética e responsável dentro da promoção de modos de vida saudáveis.

O segundo dado levantado é o de mulheres que tem desejo sexual, mas não o pratica, com 29% das mulheres da UMAP. Algumas entrevistadas revelam que tem medo de ter algumas práticas sexuais mais ‘fortes’ por medo de apresentar algum problema físico, mas que não escondem a sua necessidade e o desejo de praticar o sexo. Algumas das entrevistadas se utilizam de outras práticas sexuais que não necessariamente precisam da presença do ‘outro’ como a masturbação e os exercícios de pompoarismo³:

Não vou dizer pra você que não tenho desejo sexual. Quando estou sozinha no meu quarto, me masturbo com os dedos e, com as facilidades da internet, eu assisto alguns vídeos de pessoas mais ou menos da minha idade tendo relação sexual. Pode não ser a mesma coisa que com o meu marido, mas fico muito satisfeita com isso (Informante 01 – Viúva há 15 anos, 66 anos).

Depois que meu marido morreu, não quis mais homem nenhum. Mas não deixei de sentir vontade de fazer sexo. Quando isso acontecia antes, eu me masturbava com os dedos e usava uma cenoura pra fazer de conta que é um pênis. Depois que minha caçula se casou, comprei um consolo e um vibrador e deixo bem escondido em casa pra ninguém ver e pensar que sou uma velha enxerida (risos). Quando me dá vontade, eu uso. (Informante 10 – Viúva há 05 anos, 65 anos).

Em 2013, o Portal do Envelhecimento da PUC-SP publicou um artigo que, dentre outras coisas, estabelece que o sexo e o segredo desde sempre andam de mãos dadas, sendo que quando se trata de sexo, sempre abundam os tabus e os preconceitos, principalmente quando os seus agentes são pessoas que passaram da faixa etária dos 60 ou 70 anos. Isto ocorre pelo fato de se pensar, de forma equivocada, que os idosos são assexuados, ou seja, que não existe neles o desejo sexual e muitos dos idosos atuais foram criados em ambientes de repressão e vivem com culpa sua vida sexual.

As pesquisas da UnATI/UERJ que tratam das questões da geriatria e gerontologia, falam também da sexualidade da pessoa idosa, objetivando uma abordagem de temática bem organizada de forma a tratar o fenômeno do envelhecimento como sendo uma fase boa da vida humana. Para tanto, tem que haver a quebra de paradigmas e antigos preconceitos que maculavam toda a consciência coletiva sobre a sexualidade (UnATI-UERJ, 2013).

Para 20% das mulheres da UMAP não existe vida sexual e elas assumem uma postura assexuada, sufocando seus desejos e atendendo aos desígnios de uma sociedade que vê os

³ Prática sexual que consiste na compressão das paredes da vagina que pode ser realizada com o pênis, um objeto ou mesmo sem nada que visa o fortalecimento vaginal e a busca de uma nova modalidade de prazer que estimula os nervos presentes no órgão genital feminino.

idosos como indivíduos sem prática sexual ou, se o praticam, são vistos como pessoas desviantes do padrão social.

Olha minha filha, eu tive relações sexuais até mais ou menos uns 45 anos, mas nunca quis me casar e nem ter filhos. Depois disso, passei a viver sem ter o sexo como prioridade na minha vida e fico muito bem assim. Nem me masturbo, por não sentir nada relacionado ao prazer, pois acho que já transei demais na minha opinião. Me dediquei a minha carreira, aos meus pais e meus sobrinhos que acabaram se tornando filhos do coração. Não sinto falta de fazer sexo não (Informante 08 – Solteira, 72 anos).

Depois que me tornei viúva, em respeito ao meu marido e aos meus filhos, preferi nem pensar mais em sexo. Mesmo assim, estou muito velha pra pensar nisso e assumi o papel da vovó mesmo. Esse papel consiste em não ter uma sexualidade como a que discutimos na aula e ter uma preocupação mais maternal mesmo com os filhos e netos. Além disso, alguns problemas de saúde como a depressão depois da morte do meu esposo acabaram por me prejudicar e acabei desenvolvendo hipertensão e problemas de ansiedade. Não sinto vontade de fazer sexo e prefiro me tratar para viver mais (Informante 07 – Viúva, 71 anos).

Debert (2004) aponta que as nas discriminações identificadas contra os mais velhos, considera-se que é próprio das sociedades como a nossa reprimir sua sexualidade. Para ela, esta repressão não é somente exercida pelos mais jovens, mas também efetuada por parte dos próprios velhos, o que acarreta na criação de um ‘mito da velhice assexuada’, que surge nas últimas três décadas como um consenso na literatura gerontológica, o que se verifica também na abordagem do tema realizada por especialistas que se definem profissionalmente fora do campo, como alguns psicanalistas, demógrafos, entre outros. Independentemente do enfoque conceitual adotado, a maioria das publicações menciona a existência de uma concepção social do fim da vida sexual na velhice, tida como generalizada e errônea. Evidenciada através de uma série de preconceitos, a leitura convencional sobre o assunto seria responsável inclusive por uma interdição simbólica da prática sexual nos momentos mais avançados da vida.

Cabe ressaltar que o termo “assexuada” é empregado pelos próprios especialistas, geralmente com sentido adjetivo, denotando ausência, anulação. É contra esta problemática que se enumeram os diversos argumentos dos especialistas, buscando demonstrar que o curso da vida sexual não se extingue ao longo dos anos. Seja através de uma forte referência às mudanças na fisiologia da atividade sexual, seja mencionando as complexas dinâmicas do funcionamento psíquico, seja ainda por uma alusão às dinâmicas conjugais ou às variações de frequência e de tipologia das práticas sexuais, os autores são unânimes em afirmar que a associação excludente entre idade e sexualidade é uma representação equivocada. As modificações na expressão da sexualidade associadas ao processo de envelhecimento são descritas de forma abundantes nesta literatura, porém o intuito é o de demonstrar que, apesar de diminuírem, o interesse e a atividade sexual permanecem por toda a vida, refutando, assim,

a ideia de uma “assexualidade” na velhice, no sentido de falta de interesse ou de prática sexual.

O Estatuto do Idoso (Lei nº 10.741/2003) aponta que a pessoa idosa goza de todos os direitos fundamentais inerentes a pessoa humana. Isto quer dizer que o idoso tem os mesmos direitos de exercício e atividade em todas as nuances de atuação de homens e mulheres. É interessante assegurar que a lei também garante que o envelhecer é um direito (personalíssimo, ou seja, que não se pode ser repassado a outrem), e não apenas uma condição natural humana, sendo também um fato jurídico tutelado pelo Estado e sendo, portanto, um dever do Estado à promoção de políticas públicas que visem à proteção à vida e a saúde do idoso dentro de condições de dignidade humana, e aqui se engloba a questão da sexualidade.

Ainda de acordo com os dados presentes no gráfico 03, 14% das mulheres afirmaram que não tem mais desejo sexual, mas tem uma vida sexualmente ativa com seus parceiros fixos, geralmente os maridos. Esta situação ocorre em virtude de fatores fisiológicos como distúrbios hormonais ou a perda de sensibilidade em virtude de algum tratamento mais traumático como os de diabetes, câncer e questões coronárias.

Algumas das nossas informantes se posicionam a respeito desta situação:

Vivemos juntos há 50 anos. Parei de sentir prazer no sexo depois de um tratamento para problemas no coração por causa do diabetes há uns 15 anos. Depois da cirurgia, o médico mandou eu pegar leve com o sexo, mas tenho que atender as necessidades do meu marido né? Depois disso, meu marido tem sido até compreendido e fazemos sexo com bastante calma e qualquer alteração a mais na respiração, nós paramos e não brigamos. Ele me beija e seguimos a vida. Eu o amo por isso. Meu prazer foi reprimido pelo medo de morrer, mas não vou deixar meu velho na mão de forma alguma. (Informante 03 – Casada há 50 anos, 70 anos).

Uma das razões para o meu divórcio foi pelo fato de que fui atingida de forma prematura pela menopausa e acabei não fazendo o tratamento hormonal necessário para recuperar o meu prazer. Pensei que o problema era de um desgaste na relação que se somava ao stress do dia a dia ou que ele tinha outra pessoa fora do casamento, mas não conseguia sentir nada por ele. Depois da separação, comecei a me envolver com homens e mulheres para ver se me encontrava ou encontrava o prazer perdido pelo sexo. Quando a coisa se tornou mais mecânica do que eu queria, dei um basta e fui procurar tratamento médico e psicológico para me resolver. Hoje estou feliz, mas ainda não achei o meu prazer e acabei por me destinar a dar prazer para a minha parceira, que me aguenta há muito tempo. (Informante 06 – Divorciada há 30 anos, 72 anos).

Beauvoir (1990) aponta que o processo do envelhecimento, muito embora seja um fenômeno complexo, não deixa de ser um fenômeno normal. O indivíduo está à mercê desse fenômeno desde o nascimento até a morte, sendo que, tais acontecimentos lhe proporcionam experiências únicas de cada fase da vida. Para ela, todas as ações humanas têm uma dimensão existencial, e sendo assim, com o tempo o indivíduo modifica a sua relação com o mundo e

com sua própria história. Há que se considerar que, como toda existência humana, em todas as suas fases um estatuto é imposto ao indivíduo pela sociedade que o mesmo se encontra inserido e com o idoso não é diferente.

O processo do envelhecimento abarca todas as dimensões física, biológica, psicológica, social, econômica, histórica e cultural, do indivíduo. Por esse motivo, cada ser humano transmite e extrai um significado pessoal e particular do fenômeno.

Debert (1994) afirma que não se pode conceber a velhice apenas como um ou fenômeno biológico natural e universal, porém, deve-se ter em mente que este fenômeno também é um fato social e histórico, a qual é vivenciada e encarada de diferentes formas, de acordo com cada realidade.

Para as mulheres da UMAP/UNIFAP, a sexualidade é um exercício de descobertas e redescobertas de si enquanto seres sociais e como seres humanas, pois elas procuram estabelecer processos de ressignificação sobre o seu corpo em atividades que a despertam para a vida em sociedade e mostram que a visão assexuada imposta pela sociedade de consumo sobre os idosos é equivocada, excludente e perigosa, pois condiciona uma faixa crescente da população a uma condição de segregação e nulificação diante do outro.

As mulheres do projeto são pessoas que têm as suas singularidades, desejos e sonhos nesta etapa da vida e, como pudemos perceber nas entrevistas dadas, noções da vida, das relações afetivas e da sexualidade muito fortes e bem estabelecidas, seja pelo exercício da sua sexualidade, seja pela prática não-sexual. Elas procuram dar um sentido ao seu corpo nesta fase da vida e promovem, a partir do compartilhamento das suas experiências, processos de ressignificação de si e do outro em uma vida social.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O envelhecimento é um fenômeno, onde o organismo passa a ter determinadas singularidades típicas da velhice em nível psicológico e social, ocasionando certos comportamentos característicos da idade. Este acontecimento passa a atuar sobre o indivíduo que o vivencia impondo várias formas de pressão com a saúde e com as relações sociais: o corpo vai se fragilizando aos poucos e a sociedade acaba por colocar ao idoso uma conduta condizente com sua faixa etária de vida, o comportamento sexual sofre drásticas mudanças, pelo menos aos olhos de uma sociedade que dá um ar assexuado ao idoso.

Os programas de inclusão social do idoso, desenvolvidos nos clubes da terceira idade, nas associações e em especial nas universidades fazem com que se construa um novo olhar sobre a temática, com ações imediatas e preventivas.

As mulheres da Universidade da Maturidade do Amapá têm perspectivas diferenciadas de sua sexualidade, que procuram sair do isolamento imposto pela visão tradicionalista, assentada nos valores do patriarcalismo e que se fazem ainda presentes na vida delas.

As políticas públicas para a população idosa estabelecem uma nova possibilidade de construção de cenário para a velhice, se levarmos em consideração duas ações de fundamental importância: cultivar uma cultura da tolerância, onde o respeito às diferenças seja o valor fundamental, e considerar o ser humano como prioridade absoluta, independente de sua faixa etária, na efetivação de políticas públicas que busquem garantir a inclusão social para todos.

Conforme o levantamento, algumas destas mulheres têm vida sexual ativa ou desejos sexuais aflorados, em uma idade que vai além da ‘morte sexual’ imposta pela menopausa em um primeiro caso e pela velhice num segundo momento. A influência da religiosidade principalmente do cristianismo na Amazônia constitui-se um legado cultural determinante em questões relativas a sexualidade. No entanto elas buscam conhecer seu corpo impondo sua vontade, e construindo a ressignificação de sua sexualidade.

Alguns depoimentos como este: “Professora a senhora foi à expo feira? Não. Por quê? A senhora perdeu! Eu fui e não consegui olhar para outro lugar. Olha o tamanho (com gestos se refere ao órgão genital) do volume que dava para ver pela calça do homem, que era o padre”, demonstram que elas lutam contra os estereótipos postos pela sociedade de consumo que condiciona aos velhos o papel assexuado da doçura e os relega a um processo de nulificação de si enquanto ser social. Como na fala que serviu de título para este estudo: ‘mulher velha também transa e muito bem, minha filha’.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, T.; LOURENÇO, M. L. Envelhecimento, amor e sexualidade: utopia ou realidade?. **Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia**, v.10, n.1, 2007. Disponível em:http://revista.unati.uerj.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-98232007000100008&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 11 mai 2014.

BEAUVOIR, S. **A velhice**. 5ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

BIRMAN, J. (org.). **Feminilidades**. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2002.

BOURDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

DEBERT, G. G. Pressupostos da Reflexão Antropológica sobre a Velhice. In: Textos didáticos, **Antropologia e Velhice**, n. 13, Campinas, SP: IFCH/UNICAMP, 1994.

DEBERT, Guita G. **A reinvenção da velhice**: socialização e processos de reprivatização do envelhecimento. São Paulo: Fapesp, 2004.

_____; BRIGEIRO, Mauro. Fronteiras de gênero e sexualidade na velhice. **RBCS**, Vol. 27, nº 80, Out. 2012, pp 37 – 54.

FELIPE, Jane. Gênero, sexualidade e a produção de saberes no campo da educação: possibilidades, limites e a formulação de políticas públicas. **Pró-posições**, Vol. 18, nº 2 (53), Maio/Ago. 2007, pp. 77 – 87.

FRAIMAN, A. P. **Sexo e afeto na terceira idade**. São Paulo: Ed. Gente, 1994.

FREITAS, Elizabete V. de. Et al. **Tratado de geriatria e gerontologia**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2002.

IBGE. Indicadores Sociodemográficos e de saúde no Brasil. **Estudos & Pesquisas – informação demográfica e socioeconômica número 25**. p. 1-152, 2009. Disponível em: http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/indic_sociosaude/2009/indicsaude.pdf. Acesso em: 1 jun. 2014.

LOURO, Guacira Lopes (org.). **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis: Vozes, 1997.

_____. **O corpo educado**: pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

MINISTÉRIO DA SAÚDE – MS. **Aprova a Política Nacional de Saúde da Pessoa Idosa**. Portaria MS nº 2.528, de 19out. 2006. Disponível em: http://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2006/prt2528_19_10_2006.html. Acesso em: 16 ago. 2014.

_____. **Dispõe sobre a criação de mecanismos para a organização e implantação de Redes Estaduais de Assistência à Saúde do Idoso.** Portaria MS nº 702, de 12 abr. 2002. Disponível em: <http://www.camara.gov.br/sileg/integras/239984.pdf>. Acesso em: 16ago. 2014.

_____. **Estatuto do Idoso.** Lei nº 10.741, de 1º out. 2003. Diário Oficial da União de 03 out. 2003. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/10.741.htm. Acesso em: 11 mai. 2014.

_____. **Política Nacional do Idoso.** Lei nº 8.842, de 4 jan. 1994. Diário Oficial da União de jan. 1994. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/18842.htm. Acesso em: mai. 2014.

MORAES, K., M.; VASCONCELOS, D., P.; SILVA, A., S., R.; SILVA, R., C., C.; SANTIAGO, L., M., M.; FREITAS, C., A., S., L. Companheirismo e sexualidade de casais na melhor idade: cuidando do casal idoso. **Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia**, v.14, n.4, p. 787-798, 2011. Disponível em: http://revista.unati.uerj.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-98232011000400018&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 11 mai. 2014.

PUC-SP. **Portal do Envelhecimento.** Sexo na terceira idade: Tabú?. 2013. Disponível em: <http://www.portaldoenvelhecimento.org.br/artigos/artigo1879.htm>. Acesso em: 7 fev. 2014.

NEGREIROS, M.A. Prevenção do declínio cognitivo. In: Negreiros, T.C.G.M (org.). **A nova velhice: uma visão multidisciplinar.** Rio de Janeiro: Revinter, 2002.

NEGREIROS, T.C.G.M. Gênero e Geração - reflexões sobre o contemporâneo processo de envelhecer. In: **Psicologia clínica: pós-graduação e pesquisa**, Rio de Janeiro, 11, 107-116, 1999.

_____. Quantidade e Qualidade de Vida. In: Negreiros, T.C.G.M (org.). **A nova velhice: uma visão multidisciplinar.** Rio de Janeiro: Revinter, 2002.

_____. Sexualidade e gênero no envelhecimento. **ALCEU**, Vol. 5, nº 9, Jul/Dez. 2004, pp. 77-56.

NERI, A. L. **Maturidade e velhice: trajetórias individuais e socioculturais.** Campinas, SP: Papyrus, 2001.

_____. **Qualidade de vida e idade madura.** Campinas, SP: Papyrus, 5ª ed., 2003.

PAPALÉO NETTO, MATHEUS. **Gerontologia: a velhice e o envelhecimento em visão globalizada.** São Paulo: Atheneu, 2002.

PEREIRA, M. M. **Educação Sexual – Contextos e adolescência.** Porto: Asa, 2001.

RISMAN, A. Sexualidade e terceira idade: uma visão histórico-cultural. **UNATI Universidade Aberta da Tercera Idade-UERJ**, Rio de Janeiro, v.8, n.1, 2005.

SANTOS, E., I.; NASCIMENTO, D., S.; SANTOS, D., F., S.; SOUZA, S., F.; SANTOS, V., O.; ANDRADE, V., L., F., S. Revisão integrativa de literatura acerca das estratégias de enfermeiros para a prevenção da transmissão de HIV entre idosos. **Revista Augustus**. v.17, n. 34, p. 18-31, 2012. Disponível em:

<http://apl.unisuam.edu.br/revistas/index.php/revistaaugustus/article/download/124/213>. Acesso em: 12 mar. 2014.

SANTOS, R. A. R.; NASCIMENTO, C. P.; BISCOLI, M. R. A.; LABADESSA, V. M.. Sexualidade na Terceira Idade: Pense um Pouco no Próprio Preconceito. **Revista Olhar Científico**, v.1, n.2, p. 1-11, 2010. Disponível em: <http://www.olharcientifico.kinghost.net/index.php/olhar/article/viewFile/58/16> Acesso em: 07 fev. 2014.

SCOTT, Joan. **Gênero**: uma categoria útil para análise histórica. Tradução: Christine Rufino Dabat e Maria Betânia Ávila. New York, Columbia University Press, 1989. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/1840746/mod_resource/content/0/G%C3%AAnero-Joan%20Scott.pdf. Acesso em: 07 de set. 2017. (Obra em arquivo digital)

SOUZA, G. O.; RODRIGUES, G. C. M. Sexo na terceira idade: um estudo em torno da percepção de funcionários e idosos da casa são Vicente de Paula sobre a sexualidade na terceira idade. In: **V Jornada Internacional de Políticas Públicas**, 2011. Universidade Federal do Maranhão, São Luiz do Maranhão, P. 1-10. Disponível em: http://www.joinpp.ufma.br/jornadas/joinpp2011/CdVjornada/JORNADA_EIXO_2011/ESTADO_CULTURA_E_IDENTIDADE/SEXO_NA_TERCEIRA_IDADE.pdf. Acesso em: 18 mar. 2014.

SOUZA, M., T.; SILVA, M., D.; CARVALHO, R. Revisão Integrativa: o que é e como fazer. **Revista Einstein**. São Paulo. 2010. Disponível em: http://apps.einstein.br/revista/arquivos/PDF/1134-Einsteinv8n1_p102-106_port.pdf. Acesso em: 18 mai. 2014.

TEIXEIRA, M. M.; ROSA, R. P.; SILVA, S. N.; BACAICOA, M. H. O enfermeiro frente a sexualidade na terceira idade. **Revista da Universidade Ibirapuera**. v. 3. p. 50-53. 2012. Disponível em: <http://www.revistaunib.com.br/vol3/47.pdf>. Acesso em: 18 mai. 2014.

TUCHERMAN, S. E. **Sexualidade**. Rio de Janeiro. Mauad X, 2008.

UERJ. **Universidade aberta da terceira idade- UnATI**. 2013. Disponível em: <http://www.unati.uerj.br>. Acesso em: 2 fev. 2014.

VALENTE, R. “Sinto logo existo!...” – Estudo Sociológico sobre Sexualidade na Terceira Idade. In: **VI Congresso Português de Sociologia – Mundos Sociais: Saberes e Práticas**, 2008, Lisboa. Universidade Nova de Lisboa, Lisboa. P. 1-17. Disponível em: <http://www.aps.pt/vicongresso/pdfs/72.pdf>. Acesso em: 06 mar. 2014.